

A diferença da concepção dos intelectuais orgânicos e tradicionais em relação aos trabalhadores e sua cultura a partir dos Cadernos do Cárcere de Gramsci

Edmir Aparecido Bergamon

Como citar: BERGAMON, E. A. A diferença da concepção dos intelectuais orgânicos e tradicionais em relação aos trabalhadores e sua cultura a partir dos Cadernos do Cárcere de Gramsci. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 11-14.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p11-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A diferença da concepção dos intelectuais orgânicos e tradicionais em relação aos trabalhadores e sua cultura a partir dos Cadernos do Cárcere de Gramsci

Edmir Aparecido Bergamon*

Para Gramsci a primeira indagação a ser feita em relação aos intelectuais, é saber se eles são um grupo autônomo e independente, ou se cada grupo social cria para si sua própria categoria de intelectuais. (Gramsci, 2002, página 15). No primeiro caso tem-se o intelectual tradicional, que se julga independente de sua classe social, sem nenhum compromisso com ela. Este intelectual é o representante aqui da burguesia infiltrada na classe trabalhadora, porque busca apenas conservar o poder de domínio do Estado Burguês. Como exemplos mais típicos deles pode-se citar os líderes sindicais teóricos e os reformistas do PSI. Por isso mesmo também podem ser chamados ainda de intelectuais orgânicos/tradicionais da burguesia, mesmo estando presente nas organizações da classe trabalhadora como dirigentes dela. Nas palavras de Gramsci, os intelectuais tradicionais são:

Todo grupo social "essencial", contudo, emergindo na história a partir da estrutura econômica anterior e como expressão do desenvolvimento desta, estrutura, encontrou – pelo menos na história que se desenrolou até nossos dias – categorias de intelectuais preexistentes, as quais apareciam, aliás, como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem mesmo pelas mais complicadas e radicais modificações das formas sociais e políticas. A mais típica destas categorias intelectuais é a dos eclesiásticos [...] (Gramsci, 2002, página 16).

Assim, todo o grupo social que emerge na história, para Gramsci encontra categorias de intelectuais que representa uma continuidade histórica que não é interrompida por nenhuma forma de modificações sociais e políticas, nem pelas mais radicais como a revolução. A classe trabalhadora ao organizar-se para ser uma classe dominante a partir da fábrica, não foge a essa regra. Por isso cabe aos trabalhadores a incumbência, de como intelectuais orgânicos do seu movimento operário revolucionário, não apenas dominar e expulsar esses intelectuais tradicionais de suas fileiras de comando, uma vez que isso seria muito simples. Mas, principalmente, se possível, transformar cada um deles de intelectuais tradicionais em orgânicos. Para que a hegemonia operária se concretize vitoriosamente, como sendo um Estado Operário antes mesmo de derrubar o poder central dos burgueses, que se mantém no poder pela força militar.

Isto quer dizer que para Gramsci esses intelectuais tradicionais, ao verem os trabalhadores como uma massa a ser dominada, são prejudiciais a revolução. Porque continuam a ver a sociedade nesse Estado Burguês durante o período revolucionário, como algo que não muda no

* Universidade Tuiuti do Paraná

processo histórico ocorrido. Mesmo com a mobilização da classe trabalhadora na forma de um partido político consciente de seu papel de fundar o Estado Operário na Itália, que gradualmente vai ganhando terreno nessa luta pela conquista ideológica dos trabalhadores nas fábricas. Assim, para esses intelectuais tradicionais presentes nas organizações operárias, no papel principalmente de seus líderes reformistas do PSI e dos sindicatos teóricos, o trabalhador italiano nunca conseguirá realizar a revolução socialista, nunca se repetirá na Itália o exemplo da revolução Russa. (Gramsci, 2004, página 89) Assim, como afirma Gramsci (2002, p. 19)

Uma das características mais importantes de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista "ideológica" dos intelectuais tradicionais, assimilação e conquista que são tão mais rápidas e eficazes quanto mais o grupo em questão for capaz de elaborar simultaneamente seus próprios intelectuais orgânicos. O enorme desenvolvimento obtido pela atividade e pela organização escolar (em sentido lato) nas sociedades que emergiram do mundo medieval indica a importância assumida no mundo moderno pelas categorias e funções dos intelectuais [...].

Dessa forma, ao lutar pela assimilação dos intelectuais tradicionais, esta se evitando que a realidade da exploração burguesa do empresário capitalista na Itália em relação às péssimas condições de trabalho da classe trabalhadora nas fábricas, seja transferida, para dentro das organizações da classe operária: PSI e sindicatos. Na perspectiva que nessa realidade ela deixa de ser instituições que deveriam defender os interesses dos trabalhadores, passando a trair a confiança deles, e assegurando assim a continuidade da exploração burguesa dentro da própria classe.

Assim, para Gramsci, o intelectual tradicional é aquele que quer dominar a classe trabalhadora de longe, ao considerar todos não intelectuais. Já, por outro lado, o intelectual orgânico, é aquele que atua na vida prática como construtor, persuasor permanente, sendo um especialista ou um dirigente ligado aos trabalhadores. Dessa forma o intelectual orgânico é o agente que mantém uma relação orgânica, para ser um participante atuante no seu partido político. Porque agora todos os trabalhadores como sendo considerados intelectuais podem dar sua contribuição para aumentar o poder dos trabalhadores neste Estado Burguês. (JESUS, 1989, p. 64).

Gramsci esta defendendo nos Cadernos do Cárcere que todos os trabalhadores são intelectuais orgânicos e assim dirigentes da classe trabalhadora, numa gestão democrática operária da classe. Por isso todos são importantes na sua função para o andamento da revolução na Itália. Jamais pode existir na visão de Gramsci uma hierarquia entre intelectuais e a classe trabalhadora em suas organizações partidárias como deseja os intelectuais tradicionais. Porque para Gramsci (2002, p. 18):

Na verdade, o operário ou o proletário, por exemplo, não se caracteriza especificamente pelo trabalho manual ou instrumental, mas por este trabalho em determinadas condições e em determinadas relações sociais (sem falar no fato de que não existe trabalho puramente físico, e de que mesmo a expressão de Taylor, do "gorila amestrado", é uma metáfora para indicar um limite numa certa direção: em qualquer trabalho físico, mesmo no mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora

O que Gramsci esta querendo demonstrar com esta passagem é que todos os trabalhadores, mesmo no mais mecânico e degradado serviço na fábrica tem uma atividade intelectual e por isso mesmo é um intelectual orgânico para sua classe. Portanto, o trabalhador jamais é puramente

um "gorila amestrado" como afirma Taylor, pois todo o trabalhador tem um mínimo de atividade intelectual criadora. Nesse sentido todo o trabalhador pode fazer parte de um partido político, não só como massa, mas como dirigente atuante. Isto porque independente de sua função, ele tem capacidade intelectual, como qualquer outro operário, para dar uma opinião que melhore sua condição de trabalho e de classe.

Nesse sentido de Gramsci (2004, página 56), é preciso perder o hábito e deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos de fatos brutos e desconexos. Ao querer demonstrar que intelectual é uma pessoa importante, e por isso distante de sua classe social, como fazem os intelectuais tradicionais burgueses. Nessa realidade, o intelectual deverá depois classificar esse conhecimento em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder em seguida, em cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo exterior. Mas isso não é cultura para Gramsci, é pedantismo, não é inteligência, mas intelectualismo, e é com toda razão que se pode e deve reagir contra isso, numa atitude revolucionária do proletariado. Gramsci (2002, p. 52) com isso busca afirmar:

Quando se distingue entre intelectuais e não intelectuais, faz-se referência, na realidade, somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais... Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não intelectuais. Mas, a própria relação entre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso, existem graus diversos de atividade especificamente intelectual.

Assim para Gramsci, como um intelectual orgânico de sua classe, é impossível existir a separação entre intelectuais e não intelectuais como afirma os intelectuais tradicionais. Porque para Gramsci todos os trabalhadores são intelectuais em sua função de trabalho. A única coisa que muda é o esforço intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso que estão presente em todos os trabalhadores, porém em diversos graus de atividade.

Por isso a cultura que faz todos os trabalhadores serem um intelectual orgânico para sua classe é essa organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior. No sentido que é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres. É uma tomada de consciência dos trabalhadores que se forma não sob a pressão brutal das necessidades fisiológicas, mas através da reflexão inteligente, primeiro de alguns e depois de toda uma classe. (Gramsci, 2004, p. 58).

BIBLIOGRAFIA

- DIAS, E. F. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. Editora Xamã: São Paulo, 2000.
- _____. *O outro Gramsci*. Editora Xamã: São Paulo, 1996.
- Gramsci, A. *Cadernos do Cárcere*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1989.
- _____. *Escritos Políticos*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2004.
- _____. *Concepção dialética da história*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1995.
- JESUS, A. T. *Educação e hegemonia*. Ed. Universidade de Campinas: Campinas, 1989.

- JESUS, A. T. *O Pensamento e a Prática Escolar de Gramsci*. Editora Autores Associados: Campinas, 2005.
- JOLL, James. *As idéias de Gramsci*. Cultrix: São Paulo, 1979.
- LOWI, M. *Método dialético e teoria política*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1978.
- MOCHCOVITCH, L. G. *Gramsci e a escola*. Ática: São Paulo, 1988.
- NOSELLA, P. *A escola de Gramsci*. Artes Médicas Sul: Porto Alegre, 2004.
- NEGTO, O. *Dialética e história: crise e renovação do marxismo*. Ed. Movimento/Goethe Institut: Porto Alegre, 1984.
- SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Editora Cortez: São Paulo, 1980.
- SCHLESENER, A. H. *Revolução e cultura em Gramsci*. Editora UFPR: Curitiba, 2002.
- _____. *Hegemonia e cultura: Gramsci*. Editora UFPR: Curitiba, 1992.
- WEFFORT, F. *Qual Democracia*. Companhia das Letras: São Paulo, 1992.